

## **Caminhos de Pedra: análise da paisagem do imaginário italiano no roteiro turístico cultural**

Camile Bonotto<sup>1</sup>

Pedro de Alcântara Bittencourt César<sup>2</sup>

Universidade de Caxias do Sul – UCS

**Resumo:** Estuda-se a relação entre a cultura italiana e a vitivinicultura. A cultura da migração italiana na Serra Gaúcha mantém uma forte relação com a cultura de produção de uva e vinho. Esse estudo tem como objetivo analisar a existência de incentivo a essa prática em um roteiro turístico que se fundamenta à sua valorização. Desta forma, adota-se como procedimento um estudo da composição da paisagem do objeto de estudo. Realiza-se um levantamento teórico da categoria paisagem cultural, onde se observa, atualmente, o envolvimento a noção de sociedade e cultural e sua composição, além dos valores físicos. Para a sua identificação, realiza-se concomitante, entrevista com os moradores empreendedores locais para identificar a produção de uva e vinho no roteiro. Tais dados possibilitam uma identificação social e paisagística do papel de parte dos valores culturais na formação de um produto de turismo cultural.

**Palavras-chave:** Turismo Cultural; Vitivinicultura; Roteiro Turístico-cultural; Paisagem cultural; Roteiro Caminhos de Pedra (RS).

---

<sup>1</sup> Bacharel em Administração com ênfase em Comercio Exterior (Unisinos) e Mestranda em Turismo (Universidade de Caxias do Sul). *E-mail:* [camilebonotto@gmail.com](mailto:camilebonotto@gmail.com)

<sup>2</sup> Arquiteto e Urbanista. Doutor em Geografia (USP). Professor Adjunto do Centro de Artes e Arquitetura e do Programa de Mestrado em Turismo da Universidade de Caxias do Sul. *E-mail:* [pabcesar@ucs.br](mailto:pabcesar@ucs.br)

## Introdução

Estuda-se a relação entre a cultura italiana e a vitivinicultura. A cultura da migração italiana na Serra Gaúcha mantém um forte vínculo com a cultura da uva e na produção de sucos e vinhos. Analisam-se a esses valores na composição do roteiro cultural **Caminhos de Pedra**.

Assim, compreende-se a paisagem ambiental e sua apropriação como prática cultural. Essa compete da necessidade de sua formação por necessidades locais e como produto turístico. Justifica sua abordagem pela paisagem ao reconhecê-la “como um processo cultural” (MENESES, 2002, p.31). Situação que relaciona às especificidades de cada local, com sua sociedade e sua morfologia. Importante observar que existem civilizações paisagísticas e outras não-paisagísticas, sendo que pode ser definida uma civilização paisagística quando esta apresenta os seguintes aspectos: uso de diversas palavras para definir o termo, textos literários que a definem, representações artísticas, e jardins de fruição, sendo que a questão da semântica é fundamental, e que muito uma nação – ou unidade política qualquer, utiliza-se do conceito de paisagem para expressar a identidade dos seus ícones culturais. A cultura local distancia desses valores.

Milton Santos (1997), ao relacionar paisagem e percepção, define que é tudo que está no campo do visual, sendo formada além dos volumes, dos movimentos, sons, odores, assumindo escalas diferentes de observação e dos sentidos.

## Métodos e procedimentos metodológicos adotados

Atualmente, adota-se a existência de certo dinamismo no entendimento da paisagem. São definição se faz por uma relação estática entre o observador e o objeto. Nela, o seu entendimento agrega o reconhecimento do cultivo entre outras práticas diversas, que nesta pesquisa, pretende-se pontuar por meio de entrevista. Assim, após a identificação de sua formação territorial, realiza-se o levantamento da composição visual do roteiro Caminhos de Pedra,

Desta maneira, levantam-se inicialmente, na pesquisa, opções metodológicas para o reconhecimento dos valores conceituais da paisagem e do seu território. Embora trabalhe essencialmente no contexto urbano, Lynch (1997) tem-se tornado referência nesta abordagem, para o planejamento urbano e do turismo. A sua formação em arquitetura, psicologia e antropologia são fundamentos de sua pesquisa, que relaciona a percepção à paisagem. Assim, avalia o olhar “pode dar um prazer especial, por mais comum que possa ser o panorama” (LYNCH, 1997, p.1). Nela, cada novo olhar



alcança uma nova paisagem a ser explorada, criando uma relação entre o homem e o produzido, a cada momento de observação das pessoas e suas atividades, além das transformações mais lentas das partes físicas.

Na Percepção Ambiental, identificam-se formas visuais, movimento, luz, som, cor, cheiros, que se associam à imagem e constituem elementos para a sua percepção (LYNCH, 1997). Portanto, “as imagens ambientais são o resultado de um processo bilateral entre o observador e seu ambiente. Este último sugere especificidade e relação, e o observador – com grande capacidade de adaptação e à luz de seus próprios objetivos – seleciona, organiza e confere significado àquilo que vê” (LYNCH, 1997, p.7). As paisagens são formações individuais, embora por complexas formulações sócio-culturais podem ser definidas como imagens públicas.

As imagens ambientais são definidas por três componentes: a identidade, a estrutura e o significado, que é a forma como elas estão presentes nos sentidos dos usuários, e percebidos em sua totalidade. A **identidade** apresenta a sua relação com outras unidades existentes e a sua peculiaridade, e como as dispõem com relação às pessoas e a outros objetos. Seu **significado** se altera entre pessoas e grupos. Nesta pesquisa, espera-se reconhecer a **estrutura**, específica de um elemento constituinte da identidade de um território: **O cultivo da uva e do vinho**. Duarte (2002) salienta que Lynch reforma o sistema de hierarquias espaciais, em suas definições de elementos de análise, ao lembrar que formas espaciais são modeladas e organizadas segundo gosto, hábito, crenças e valores.

Afirma Meneses que “não há paisagem sem um observador” (MENEZES, 2002, p.32), porém estes valores de características estéticas envolvem a formulação de dados a partir de modelos, valores, aspirações e interesses, o que, por um lado, confere à paisagem características próprias para a análise perceptível, porém, reforça-se que estes podem apresentar mensurações peculiares. Nesta pesquisa o pesquisador define o papel de observador crítico da paisagem.

Aborda-se a paisagem por possibilitar reconhecer diversos momentos. Assim, permite-se uma temporização no espaço, onde se podem avaliar os elementos físicos e sociais de um dado território; A compreensão da paisagem é uma análise de diversas “escritas” através das heranças deixadas e presentes na sua formação.

Adotam-se duas ferramentas metodológicas para o levantamento da paisagem no roteiro Caminhos de Pedra. A entrevista acerca da atividade e da relação que os empreendedores da atividade turística têm com a uva e seus cultivos favorecem reconhecer essa formulação territorial e conseqüentemente paisagística. O olhar do pesquisador, documentando em fotos contribui para esse entendimento.



## A Paisagem cultural e a cultura vinícola

O conceito de paisagem associa-se ao reconhecimento visual. Ela pode ser relacionada “a porção de um espaço perceptível a um observador onde se inscreve um combinado de fatos visíveis e invisíveis, e inter-relações que só percebemos o resultado global, num determinado espaço de tempo” (RODRIGUES, 2001, p.108). Entretanto, seu reconhecimento pode extrapolar o campo do visual.

Sua leitura pode envolver distintas maneiras. Assim pensa-se na audição, no tato, no gosto e no olfato, e que, além destes, deve-se considerar os sentidos da temperatura, sinestesia, dor, sentimento vestibular e sentido químico. Seu julgamento envolve “a experiência individual e a bagagem cultural que o indivíduo acumula durante a vida, além das suas emoções e dos seus valores e atitude” (RODRIGUES, 2001, p.110). A leitura da paisagem torna-se pessoal, de cada viajante, morador ou especialista, embora, com condicionantes sociais e culturais.

A paisagem quando analisada recorre a valores do visual. Assim, cor, forma, orientação, granulação e tamanho são valorados para a sua compreensão. Nela compreende tudo aquilo que a visão alcança, ou seja, a paisagem esta no domínio do olhar, sendo **a continuidade visível do espaço** (SANTOS, 1985, p.2).

Com relação da paisagem no turismo, Menezes (2002, p.48) também associa o campo do olhar com o campo de observação da paisagem, e, nesta relação, afirma que o olhar do turista produz, reproduz e consome a paisagem com especificidades como a romântica, a individual, “em busca de contemplação silenciosa de uma natureza inédita e intocada”, e, por outro lado, o coletivo que insinua a necessidade de participar, como realiza-se no turismo de massa, transformando em mercadoria, e muitas vezes, em simulacros de modelos e imagens pré-formadas pela mídia, a indústria cultural e a publicidade desenvolvida.

Castro (2002) avalia a **paisagem** em três eixos: o **imaginário social**, como **recurso** econômico eficiente e na valorização da **estética** da paisagem. Sob esta ótica, avalia, inicialmente, que o tema paisagem estava, há décadas, marginal no estudo na geografia, e que há pouco tempo tem se tornado objeto de estudo, através de elementos da percepção, da representação, do imaginário e do simbolismo que ela representa. Nesta linha, destacam-se os estudos do geógrafo francês Paul CLAVAL<sup>3</sup>, que justifica a importância de associar os estudos das paisagens nas dimensões

<sup>3</sup> Paul Claval apresenta-se como figura referencial no estudo da geografia cultural e tornou-se figura marcante no núcleo de pesquisa de geografia cultural no estado do Rio de Janeiro, nos departamentos de geografia com o livro: L'Analyse des paysages, Paris, Géographies et Culture, n.13.1994, p. 55-74.



simbólicas. Outros pesquisadores referenciais neste estudo são: Cosgrove<sup>4</sup>, ao associar a paisagem aos seus valores ideológicos; Ives Lacoste, que estuda a paisagem como resultante de “uma seletividade propícia pelo jogo das distâncias e das escalas e manipulada por atores e dominantes” (2002, p.124) e Augustian Berger<sup>5</sup>, que associa a paisagem a uma imagem coletiva de um grupo social, remetendo a seu ambiente histórico.

Ao analisar a paisagem Castro (2002) apresenta três elementos na sua problematização: inicialmente, da articulação, quando a natureza é compreendida como meio e interpretada como representação, que é o segundo problema, o qual apresenta elementos como figuras reais e imaginárias. Quanto ao imaginário, o problema está alicerçado em conteúdos de signos e símbolos que habitam fundamentalmente nossas mentes de uma forma menos direta. Porém, reforça Castro (2002) que este estudo torna-se uma necessidade da geografia, na **análise** da “complexidade da tarefa de compreender o mundo e a necessidade de perceber tanto os **processos visíveis** como aqueles decorrentes da simbologia dos lugares, seus **aspectos míticos**<sup>6</sup> e sua conotação subjetiva” (2002, p.126), através do imaginário social, entre outros elementos.

Como recurso econômico, a paisagem – e fundamentalmente a paisagem no turismo – é apresentada através da sua utilização como elemento publicitário e, finalmente, como valorização estética. Para Castro: “a paisagem é um recurso para o turismo porque ela é primeiro um bem estar” (CASTRO, 2002, p.131) e, neste, contexto, afirma a não existência de uma paisagem turística, mas que pode uma **paisagem ser valorizada e estetizada socialmente para a atividade turística**, sendo que quanto mais uma paisagem é valorizada para o turismo, está, sim, valorizando-se o espaço desta paisagem para os seus habitantes, ou usufrutuários do cotidiano, e que, mesmo assim, muitas vezes, há uma contradição de não criar elementos para a valorização da paisagem, nesta instância. Muitas vezes, o que ocorre é justamente a degradação da paisagem por comunidades, não se preocupando com o valor social desta, havendo uma lógica de perda social e financeira por esta degradação.

<sup>4</sup> Refere-se, aqui, ao livro de Denis Cosgrove, *Social formation and symbolic landscape*, London: Cromm Helm, 1984.

<sup>5</sup> Observado em diversos trabalhos.

<sup>6</sup> Nenhum destaque é da autora



## O conceito espacial da Paisagem cultural

A Geografia cultural configura como importante campo científico para o estudo da paisagem. Conceituada, inicialmente, sobre uma abordagem historicista, a geografia cultural se fundamenta nas obras de Carl Sauer (2000)<sup>7</sup>, da Escola de Berkeley (1925 – 1975) sobre os temas: cultura, paisagem cultural, áreas culturais, história da cultura e ecologia cultural.

O conceito **Paisagem cultural** tem apresentado distintivamente. Assim, segundo Wagner e Mikessel (2003), foram inicialmente elaborados distantes de bases sociais. Na abordagem Saueriana, a paisagem cultural expõem valores próximos dos relativos a regiões antropocêntricas, tendo a cultura elementos visuais que a qualificam, como um processo gradual e acumulativo, agregando história e a ecologia cultural em que “qualquer sinal da ação humana numa paisagem implica uma cultura” (WAGNER e MIKESSELL, 2000 e 2003).

Ao abordar sob o objeto, Sauer define que, na geografia cultural, o método adotado: “Continua sendo, em grande parte, observação direta de campo baseado na técnica de análise morfológica desenvolvida em primeiro lugar na geografia física” (SAUER, 2002, p. 25). As questões mais contestadas nesta abordagem ‘tradicional’ referem-se à forma de posicionar a categoria ‘cultura’, que tem como conceito independente e superior ao homem, ou super-orgânica, definido por Duncan (2002, p.64) como uma visão normalmente rejeitada pela antropologia. Uma nova abordagem incorpora conceitos sociais como os apresentados pelos geógrafos David Cosgrove (2003) e Paul Claval (2003). Referência de duas novas escolas, onde “a cultura é vista como um reflexo, uma mediação social” (CORRÊA e ROSEDAHL, 2003, p.13) do cotidiano com suas relações sociais do meio. Cosgrove (2003), ao afirmar que toda atitude humana é ao mesmo tempo, material e simbólica, produção e comunicação, articula sobre uma ação individual de natureza social, na qual esta apropriação simbólica produz, especificamente, estilos de vida e paisagens vinculadas a este indivíduo e a esta sociedade.

Adota-se o reconhecimento da paisagem como sinônimo de paisagem cultural. Nela, seus valores estão em permanente relação com uma ordem histórico-social, bem como, com os novos componentes que o agregam. Paisagem elabora-se a cada alteração morfológica como concretude, e a cada momento social em sua abstração, representando para a geografia cultural “a expressão material do sentido que a sociedade dá ao meio” (LUCHIARI, 2001, p.15). Assim, tem-se a totalidade da morfologia na paisagem, porém a paisagem, hoje, agrega valores simbólicos e de

<sup>7</sup> Segundo MELO (2001, p.30) o estudo da paisagem inicia-se um pouco antes por geógrafos alemães.



signos (significados), que se sobrepõem em uma metodologia interpretativa (COSGROVE e JACKSON, 2000, p.19)

Pensa-se na paisagem envolta dos sentidos humanos. Os valores interpretativos do espaço, na definição de identidades, incorporam a dialética entre a “dimensão objetiva e a dimensão subjetiva do olhar e sobre a relação entre a paisagem como marca da cultura e a paisagem com matriz cultural” (CLAVAL, 2003, p.159). Ambos, engendrados, formulam processos e estruturas que definem todo o espaço, elaborando paisagens.

### **Projeto de turismo cultural Caminhos de Pedra e o panorama atual**

O projeto Turístico-Cultural Caminhos de Pedra foi desenvolvido com dois intuitos básicos. Assim, elabora-se um produto turístico para Bento Gonçalves, dando opção de renda aos moradores, e como uma forma de valorização da cultural do imigrante italiano, definidores desse local. Panorama expresso por uma gastronomia específica, uma arquitetura vernacular de pedras e a produção de uva e vinho, principalmente.

O projeto de implantação do roteiro envolveu a participação de diversos atores. Porém, a referência das articulações se fez com o empresariado da iniciativa privada do setor hoteleiro. A esse se soma o apoio de equipes técnicas, e de apoio, que facilitaram o envolvimento dos proprietários locais, fundamentalmente definidos por famílias que se transformaram em empreendedores dos estabelecimentos turísticos do percurso. A escolha do local justifica-se por um inventário anterior no local que identifica um importante acervo arquitetônico. Nesse inventário foi observado que o Distrito de São Pedro, localizado na Linha Palmeiro, possui o maior número de edificações com a arquitetura vernacular da migração italiana. Assim, entre uma área definida em 26,09 km<sup>2</sup>, e um percurso de 13 km, distribuído pelas comunidades: São Pedro, São Miguel, Barracão, São José da Busa, Cruzeiro, Santo Antonio e Santo Antoninho, foi implantado o projeto. Reforça o apelo além do fato anteriormente citado a presença de um forte teor cultural e histórico nesse local e sua preservação esta associada a um processo de decadência e abandono por que passou na década de 1970 com a mudança de traçado da rodovia.

De acordo com a pesquisa realizada por Posenato, o distrito de São Pedro possuía:

[...] um acervo de alta qualidade, numeroso, variado e integro; de prédios representativos das diversas funções da imigração italiana (residencial, religiosa, industrial, comercial) materiais (pedra, tijolos,



madeira) e períodos (primitivo, apogeu, tardio), concentrados em uma pequena área de fácil acesso e próximo à cidade; abundância de água, paisagens ricas em araucárias e beleza natural. (1994, s.p.)

Desta maneira, inicia-se em 1992 a implantação. Assim, referencia o Projeto que:

Possui, ao longo de suas rotas, edificações representativas dos vários momentos do esforço colonizador, todas elas testemunhas da história de um povo. Integra uma área onde o ambiente natural e o resultado do trabalho humano, coexistem num marco da história da colonização sul-brasileira. (SEBRAE, 1997, s.p.)

Uma das questões chaves era a requalificação econômica, agregando maior senso de pertencimento na antiga Colônia de São Pedro. A ela agrega a viabilidade de reprodução de capital, a preservação da cultura trazida pela migração italiana. Assim, “como o amor ao trabalho, o espírito solidário e participativo, a alegria de viver, a culinária típica e a habilidade artesanal, com o conhecimento das respectivas técnicas, constituíram a base para o progresso da região e devem permanecer para que esse progresso tenha sustentação.” (POSENATO, 1994, p.7).

Realiza-se por desdobramento da proposta de formulação do produto turístico: reforma das edificações, com o restauro através de similaridade. Havia também o resgate das atividades artesanais (moleiro, ferreiro, marceneiro, etc.), do grupo de canto, do grupo de música, além de cursos do SEBRAE-RS para melhorias e conscientização: Saneamento Básico, Higiene dos alimentos, Gestão Empresarial, Capacitação dos Empreendedores e Educação Ambiental. Preservou-se também com os costumes e tradições o **tálian**, linguajar típico dos imigrantes italianos. Conforme relatado pelos idealizadores, Tarcísio Michelon e Júlio Posenato, foi necessário um esforço inicial de conscientização da população local, pois muitos estavam empobrecidos na região, a atividade rural já não era mais tão lucrativa, o êxodo rural era uma realidade do Brasil, e haviam várias gerações envolvidas no projeto: dos “nonos”, dos pais, dos filhos e até os netos. (FÁVERO, 2001, p. 8). Outra preocupação existente desde o início do projeto foi a variedade de produção e renda. Somente o turismo ou somente a produção agrícola não seriam suficientes para sustentar a comunidade, era necessário mesclar as atividades, ou seja, o turismo seria tornaria um complemento da atividade agrícola. (FÁVERO, 2001, p. 12)

Segundo a definição clássica de Milton Santos (1988, p. 61):

[...] tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista alcança. Não é apenas formada de volumes, mas também de cores, movimentos, atores, sons, etc.



Com a referência acima apresentada, realiza-se pesquisa de campo para compreender as transformações paisagísticas. Desta forma, foram realizadas entrevistas com os proprietários rurais, principalmente empreendedores turísticos, co roteiro cultural. O intuito dessas abordagens relaciona em compreender o papel que a paisagem de cultura e produção da uva tem para esses agentes do turismo local.

Dessa forma, observa-se que um pouco mais da metade tem notado alteração da paisagem, principalmente, na composição da vegetação do local. A alteração mais marcante relaciona-se com a implantação de novas edificações ao local do percurso, diminuindo a área de cultivo. Essa mudança justifica-se, principalmente, por criação de possibilidades em atender novas demandas de visitante.

A grande maioria dos imóveis do local são bens familiares que tem passado de gerações. Esses proprietários são pessoas diretamente envolvidas com a formação dos recursos culturais paisagísticos: cultura agrária, manifestações culturais e edificações entre outras características peculiares expressa por esses imigrantes e seus descendentes. Porém, um pequena parcela dos empreendedores, são formados por pessoas que notaram na formação do roteiro como novas possibilidades de negócios. Essencialmente, são famílias que mudaram para a localidade, com a aquisição do imóvel e a criação de unidades comerciais.

A relação dos empreendedores com o cultivo da uva e do vinho foi o questionamento que mais instigou este levantamento, considerando que o roteiro conta que esses fatores como uma das principais referenciais, além do local engendrar-se em uma região desse cultivo. Assim, embora um pouco mais da maioria desses abordar seu significado ou tem em sua propriedade, esse número deveria ser predominante. Nota-se que há uma diminuição gradativa na presença de elementos paisagísticos que se associam a esse valor cultural. Afinal, “(...) cultura é na totalidade resultante da invenção social, mantida, promovida e transmitida exclusivamente através da comunicação e do aprendizado”. (LAGE e MILONE, 1995, p. 9).

### **Considerações finais**

No território definido, observam-se rugosidades espaciais. Essas transformações, expostas espacialmente, caracterizam e resultam de relações culturais, sociais, políticas, religiosas, econômica, técnicas. São alterações definidas em processos históricos diversos e contraditórios.



Quando compreendemos por valores estéticos, mesmo que intuitivamente, associamos a sua condição de paisagem. A beleza, de acordo com Pitágoras e Aristóteles, refere-se a qualquer objeto e às sensações do observador, envolvendo, para isso, o sentido. Para tal, associa-se ao valor de unidade, ou seja, “a qualidade de um objeto pela qual ele parece uma coisa única, definitiva e organicamente” (HAMLIN, 1962. p.84) com uma sensação que não o confunda. Sua percepção tende a concentrar em elementos específicos definindo uma relação de harmonia.

Seu entendimento visual perpassa o entendimento das qualidades dominantes. O observador, intuitivamente busca seu equilíbrio, ritmo, proporcionalidade, clima, harmonia, expressando a sua funcionalidade e estrutura, (HAMLIN, 1962. p.88). Com relação ao equilíbrio, analisam-se os volumes que formam a composição visual como um todo. A maneira como os elementos constituintes estão distribuídos espacialmente, e sua relação com as unidades físicas que o compõem. O Ritmo associa a todos estes volumes, e as externalidades entre eles, estando intimamente ligado com a proporção. Na harmonia pensa-se nos detalhes e a sua distribuição entre os objetos. Pensa-se também no descanso visual como qualidade da paisagem. Esses valores são adotados inicialmente por HAMLIN, buscando compreendê-los na composição arquitetônica (1962. p.116).

O sociólogo Urry (1996) propõe compreender o olhar do turista sobre a paisagem constituída. Nela, agrega as práticas sociais historicamente definidas, apresentando como semelhança inicial a busca de cenários diferentes de seu cotidiano habitual. Esses definem por signos que associam a: práticas de lazer com devaneios e fantasias.

Esta relação é avaliada, contemplada e consumida pelo olhar, inicialmente regulada pela população nativa. Entretanto, ela pode proporcionar aspectos de artificialismo, tanto como estratégia de agentes do mercado, quanto de defesa da comunidade. Sua elaboração debruça sobre o domínio do cenário observado, os interesses dos agentes envolvidos e que podem gerar uma série de mudanças sociais, desejáveis ou não. Situação, que leva a questionar sobre as diferentes quantidades de turistas, e às mudanças de paisagem geradas por níveis diferentes. A ‘turistificação’ cria o que Urry (1996, p.98) chama de ‘disneificação’ do território. Nela, as atividades rotineiras se transformam para dar lugar à prática turística no local de interesse, transformando muitas vezes o olhar romântico em olhar coletivo (URRY, 1996, p.95). A atividade do turismo de massa, que, historicamente, sempre envolveu certa ‘espetacularização’ espacial da prática cultural, normalmente engendrada nas práticas culturais populares.



O roteiro turístico **Caminhos de Pedra** apresenta forte ameaça na configuração do território e conseqüentemente na formação paisagística. O cultivo da cultura associada a uva embora associa-se no discurso local, na prática tal preocupação não é eminente. Situação que agrava com a falta de uma cultura paisagística. As transformações são visualmente marcantes. Entretanto, sua conservação ou os limites possíveis para a sua manutenção não é discutida apropriadamente.

## Referências

CASTRO, Iná Elias. Paisagem e turismo: de estética, nostalgia e política. In: YÁZIGI, Eduardo. **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002, p.121-140.

CLAVAL, Paul. Campo e perspectiva da geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs). **Geografia cultural: um século (2)**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2002, p.133-196.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis, EdUFSC, 1999.

CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. Geografia cultural: introdução a temática, os textos e uma agenda. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003, p. 9-18.

COSGROVE, Denis E. Em direção a ma geografia cultural radical: problemas da teoria. In. CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003, p.103-134.

COSGROVE, Denis E. e JACKSON, Peter. Novos rumos da geografia cultural. In. CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (orgs). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003, p.135-146.

DUARTE, Fabio. **Crise das matrizes espaciais**: arquitetura, cidades, geopolítica, tecnocultura. São Paulo: Perspectiva. 2002.



DUNCAN, James S. O supra-orgânico na geografia cultural americana. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003, pp.63-102.

FÁVERO, Ivane Maria Remus. **Diretrizes para o desenvolvimento sustentável do turismo rural**. Monografia de conclusão. Especialização em Gerenciamento do Desenvolvimento Turístico. CARVI/UCS, Caxias do Sul, 2001.

GALLO, Alberto. **Colonizzazione agricola e industrializzazione nel Brasile meridionale, Rio Grande do Sul**: La regione di Caxias, Carte storiche, 1893-1924. Firenze: Cultura Cooperativa, 1976.

HAMLIN, Talbot. **Arquitetura: uma arte para todos**. Rio de Janeiro: Fundo de cultura, 1962.

LACOSTE, Yves. **A geografia** – isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. 6ª ed.. São Paulo: Papirus, 2002.

LAGE, Beatriz Helena Gelas. MILONE, Paulo César. **Turismo em análise**. v.6, n.2, p. 8-25. maio/1995.

LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. A (re) significação da paisagem no período contemporâneo. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, pp.9-28.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. A paisagem como fator cultural *In*. YÁZIGI, Eduardo. **Turismo e paisagem**. São Paulo: Contexto, 2002, p.29-64.

POSENATO, Júlio. **Projeto de turismo cultural Colônia São Pedro**. Projeto técnico. s.e., 1994.



RODRIGUES, Adyr Balastrieri. Geografia do turismo: novos desafios. In: TRIGO: Luiz Gonzaga Godoi (Org.). **Como aprender turismo, como ensinar**. 2.ed. Vol.1, Senac: São Paulo, 2001.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. 4ed. São Paulo: Edusp, 2004.

\_\_\_\_\_. **Espaço e método**. São Paulo, Nobel: 1985.

\_\_\_\_\_. **Metamorfose do espaço habitado**. 5ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: HUCITEC, 1988.

SAUER, Carl. Desenvolvimento recente em geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Geografia cultural: um século (1)**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2000, p. 15-98.

SAUER, Carl. Geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003, p.19-28.

SEBRAE. **Análise dos resultados da primeira etapa do projeto Educação Ambiental nos Caminhos de Pedra da Colônia São Pedro**, Bento Gonçalves. Manual técnico. 1997.

URRY, John. **O olhar do turista: lazer e viagens na sociedade contemporâneas**. São Paulo: Nobel, 1996.

WAGNER, Philip L. e MIKESELL, Marvin W. Os temas da geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003, p.27-62.